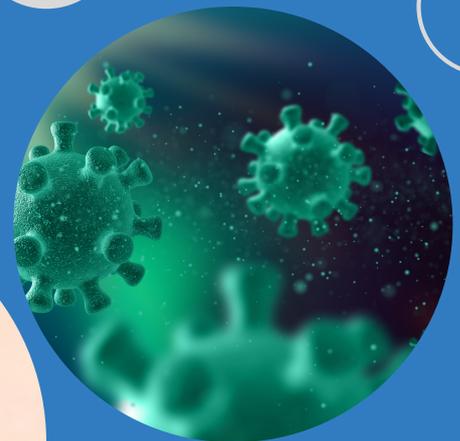
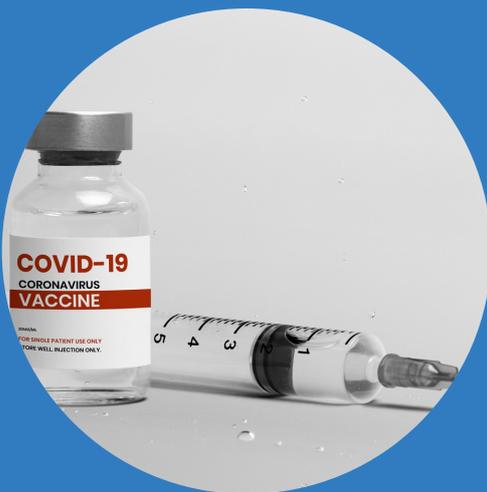


SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI

Volume 1

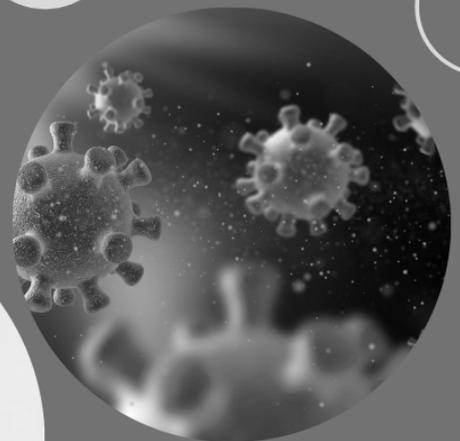
Organizadores
Eder Ferreira de Arruda
Bruna de Souza Diógenes



SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI

Volume 1

Organizadores
Eder Ferreira de Arruda
Bruna de Souza Diógenes



EDITORA
OMNIS SCIENTIA



Editora Omnis Scientia
SAÚDE PÚBLICA NO SÉCULO XXI
Volume 1

1ª Edição

TRIUNFO – PE

2021

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Organizadores

Me. Eder Ferreira de Arruda

Ma. Bruna de Souza Diógenes

Conselho Editorial

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Dr. Wendel José Teles Pontes

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior

Dr. Cássio Brancalone

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior

Editores de Área – Ciências da Saúde

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dr. Leandro dos Santos

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistentes Editoriais

Thialla Larangeira Amorim

Andrea Telino Gomes

Imagem de Capa

Freepik

Edição de Arte

Leandro José Dionísio

Revisão

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S255 Saúde pública no século XXI [livro eletrônico] : volume1 /
Organizadores Eder Ferreira de Arruda; Bruna de Souza
Diógenes. – Triunfo, PE: Omnis Scientia, 2021.
352 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-88958-30-8

DOI 10.47094/978-65-88958-30-8

1. Medicina. 2. Saúde pública. 3. Doenças – Prevenção. I. Arruda,
Eder Ferreira de. II. Diógenes, Bruna de Souza.

CDD 616.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora Omnis Scientia

Triunfo – Pernambuco – Brasil

Telefone: +55 (87) 99656-3565

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

A sociedade brasileira passa, no início do século XXI, por intensas mudanças e transições socioeconômicas, políticas e ambientais que tem impactado diretamente na saúde pública e conduzido pesquisadores e profissionais da área a enfrentarem novos desafios e buscarem compreender e investigar o processo de saúde-doença de forma mais abrangente e holística.

Portanto, se torna relevante discutir a partir de um enfoque interdisciplinar e multiprofissional a respeito dos novos e diversos fatores condicionantes e determinantes com a finalidade de que sejam estabelecidas políticas econômicas e sociais que visem à redução de riscos de doenças, que priorizem e fomentem a promoção, proteção e recuperação da saúde e a superação das dificuldades por ora existentes.

Neste sentido, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da saúde pública se propõem a articular conhecimentos de diferentes campos de saberes e fazeres fornecendo subsídios teóricos, práticos e metodológicos que contribuem significativamente para a construção de estratégias e políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento de informações, atividades e ações em prol de uma saúde de qualidade e igualitária para toda comunidade.

O presente livro é composto por 26 capítulos elaborados por autores pertencentes às ciências da saúde e suas áreas afins com o objetivo de somar conhecimentos, compartilhar experiências e divulgar os resultados de estudos desenvolvidos em várias localidades brasileiras e que visam à compreensão e elucidação de diferentes situações de saúde. Assim, este livro é para todos que tem interesse em conhecer sobre temáticas importantes relacionadas à saúde pública, especialmente para aqueles com atuação acadêmica, científica e/ou profissional na atenção primária, ambulatorial e hospitalar.

Em nossos livros selecionamos um dos capítulos para premiação como forma de incentivo para os autores, e entre os excelentes trabalhos selecionados para compor este livro, o premiado foi o capítulo 11, intitulado “A INFLUÊNCIA DAS FAKE NEWS SOB A HESITAÇÃO VACINAL DO SARAMPO NO BRASIL”.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....19

A TEORIA DA COMPLEXIDADE E O ENSINO-APRENDIZAGEM DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Rodrigo Alves Barros

Gislaine da Silva Andrade

Maria de Fátima Carneiro Ribeiro

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/19-31

CAPÍTULO 2.....32

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ENFERMEIROS ATUANTES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Isabela Letícia Petry

Kátia Pereira de Borba

Leonardo de Carvalho Barbosa Santos

Donizete Azevedo dos Santos Silva

Rafael Jose Calixto

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/32-41

CAPÍTULO 3.....42

ATIVIDADES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE DESEMPENHADAS PELO ENFERMEIRO ATUANTE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Leonardo de Carvalho Barbosa Santos

Kátia Pereira de Borba

Isabela Letícia Petry

Donizete Azevedo dos Santos Silva

Rafael Jose Calixto

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/42-53

CAPÍTULO 4.....54

POTENCIALIDADES DA ATUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL NA ATENÇÃO BÁSICA NO ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

Maria Cassiana Rosa Carneiro Cunha

Morgana Gomes Izidório

Francisco Natanael Lopes Ribeiro

Luana Marisa Soeiro Carvalho

Breno Carvalho de Farias

Pedro Ítalo Alves de Carvalho

Thaís Fontenele de Souza

Luís Fernando Cavalcante do Nascimento

Vanessa Carvalho Lima

Jessica Cristina Moraes de Araújo

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/54-58

CAPÍTULO 5.....59

COMISSÕES INTERGESTORES REGIONAIS NA PERCEPÇÃO DE GESTORES MUNICIPAIS DE GOIÁS: UMA PERSPECTIVA DA ANÁLISE INSTITUCIONAL

Edsaura Maria Pereira

Linamar Teixeira de Amorim

Fabiana Ribeiro Santana

Naraiana de Oliveira Tavares

Thaís Rocha Assis

Alessandra Vitorino Naghettini

Fernanda Paula de Faria Guimarães

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/59-77

CAPÍTULO 6.....78

DA RESIDÊNCIA AO QUILOMBO: IMERSÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA NEGROS DO RIACHO

Gydila Marie Costa de Farias

Marcella Moara Medeiros Dantas

Marcella Alessandra Gabriel dos Santos

Raul Torres Açucena

Jessica Keicyane Silva de Lima

Brenda Rejane Gomes de Pontes

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/78-86

CAPÍTULO 7.....87

PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS: PERCEPÇÃO DE USUÁRIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE MUNICÍPIOS DO SUDESTE GOIANO

Mariana Rosa de Souza

Amanda Cristina Schlatter

Fabiana Ribeiro Santana

Cláudio José Bertazzo

Daniel Alves

Claudio Morais Siqueira

Nunila Ferreira de Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/87-102

CAPÍTULO 8.....103

PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS: PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES DA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE MUNICÍPIOS DO SUDESTE GOIANO

Amanda Cristina Schlatter

Mariana Rosa de Souza

Fabiana Ribeiro Santana

Cláudio José Bertazzo

Daniel Alves

Claudio Morais Siqueira

Nunila Ferreira de Oliveira

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/103-114

CAPÍTULO 9.....115

CONTRIBUIÇÕES FARMACOLÓGICAS DO GÊNERO CINCHONA ATRAVÉS DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria Clara Inácio de Sá

Carla Caroline Gonçalves do Nascimento

Jackson de Menezes Barbosa

Ricardo Lúcio de Almeida

Philippe Cássio de Almeida

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/115-133

CAPÍTULO 10.....134

AVALIAÇÃO DA ADESÃO VACINAL EM UMA COMUNIDADE ACADÊMICA

Igor Eudes Fernando Nascimento Tabosa

Bruna Carvalho Mardine

Milene Moreno Ferro Hein

Helen Cristina Fávero Lisboa

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/134-144

CAPÍTULO 11.....145

A INFLUÊNCIA DAS FAKE NEWS SOB A HESITAÇÃO VACINAL DO SARAMPO NO BRASIL

Sheucia dos Santos Welter

Luana Rossato

Alexandre Antunes Ribeiro Filho

Lucas Gonçalves Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/145-156

CAPÍTULO 12.....157

ASPECTOS CLÍNICOS E FISIOPATOLÓGICOS ASSOCIADOS À FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

Emily Vieira Loureiro

Julia Brites Queiroz Lopez Chagas

Tatiana Abreu Eisenberg

Claudia Virla Aquino Brizida

Luísa Alves de Sousa Fonseca

Pedro Paulo Gusmão de Lima

Giovanna Hellen Chaves Rocha

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/157-170

CAPÍTULO 13.....171

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA TUBERCULOSE NA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO ESTADO DE RONDÔNIA (2016-2019)

Wuelison Lelis de Oliveira

Ádila Thais de Souza Ferreira

Amanda Borges Mancuelho

Amilton Victor Tognon Menezes

Angélica Terezinha Tolomeu Krause

Bianca Gabriela da Rocha Ernandes

Emilly Marina Martins de Oliveira

Gilvan Salvador Júnior

Isabela de Oliveira Partelli

Marco Antonio Chaddad Yamin Filho

Pâmela Ângeli Vieira

Jessica Reco Cruz

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/171-177

CAPÍTULO 14.....178

INCIDÊNCIA DA HANSENÍASE NO MARANHÃO ENTRE 2014 A 2019

Marianna Sousa Maciel Gualberto de Galiza

Sabrine Silva Frota

Ana Karoline dos Santos da Silva

Jorgeane Clarindo Veloso Franco

Érika Karoline Sousa Lima

Christiane Pereira Lopes de Melo

Nathalya Batista Casanova

Kenny Raquel dos Santos Silva

Ana Flávia Moura de Asevedo Assunção

Maysa Batista Casanova

Pedro Henrique Garces Alves

Celijane Melo Rodrigues

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/178-189

CAPÍTULO 15.....190

O RISCO DA TRANSMISSÃO DE ZOOSE PELA COMERCIALIZAÇÃO CLANDESTINA DE CARNE E LEITE E O IMPACTO NA SAÚDE PÚBLICA

Rodrigo Brito de Souza

Stela Virgilio

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/190-200

CAPÍTULO 16.....201

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE MORTALIDADE POR CÂNCER DE PELE DO TIPO MELANOMA, NO BRASIL, ENTRE 1996 E 2018.

Maria Letícia Passos Santos

Fernando Dias Neto

Dyonatan Vieira de Oliveira

Emanuela Giordana Freitas de Siqueira

Tânia Rita Moreno de Oliveira Fernandes

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/201-212

CAPÍTULO 17.....213

PERFIL E PRINCIPAIS COMPLICAÇÕES PÓS-OPERATÓRIAS DE PACIENTES SUBMETIDOS A CIRURGIA CARDÍACA

Francisco Rícael Alexandre

Rithianne Frota Carneiro

Karyna Lima Costa Pereira

Natália Conrado Saraiva

Mirian Cezar Mendes

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/213-225

CAPÍTULO 18.....226

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE ACIDENTE DE TRÂNSITO ASSISTIDOS PELO SAMU EM ALTOS-PI

Micharléia Maria Silva do Nascimento

Rosane da Silva Santana

Nariane Matos da Silva

Gabriela Oliveira Parentes da Costa

Giuliane Parentes Riedel

Marcela Ibiapina Paz

Roseane Débora Barbosa Soares

Maria do Amparo Ferreira Santos e Silva

Ícaro Avelino Silva

Nivia Cristiane Ferreira Brandão Soares

Maria Almira Bulcão Loureiro

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/226-239

CAPÍTULO 19.....240

IMPACTO DA SAÚDE BUCAL NA QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM EDENTULISMO: UM ESTUDO DE CASO-CONTROLE INTERTEXTUALIZADO NA OBRA “A CALIGRAFIA DE DEUS”.

Antônio Arlen Silva Freire

Damiana Avelino de Castro

Izabel Leal Viga

Jessica Silva dos Santos

Maili Raiane de Oliveira Rodrigues

Ana Sofia Alves e Gomes

Simone de Souza Lima

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/240-253

CAPÍTULO 20.....254

ÓBITOS INFANTIS POR CAUSAS EVITÁVEIS NO AMAPÁ NO QUINQUÊNIO 2014 A 2018:
UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Lucas Facco Silva

Gustavo Aurélio Linhares de Magalhães

Giovana Carvalho Alves

Edson Fábio Brito Ribeiro

Maria Helena Mendonça de Araújo

Silvia Claudia Cunha Maues

Rosilene Cardoso

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/254-269

CAPÍTULO 21.....270

PREVALÊNCIA DE ALEITAMENTO MATERNO EM CRIANÇAS MENORES DE CINCO ANOS
DE IDADE DE COMUNIDADES RURAIS E RIBEIRINHAS, AMAZONAS, BRASIL

Hanna Morgado Montenegro

Lihsieh Marrero

Edinilza Ribeiro dos Santos

Ana Luisa Opromolla Pacheco

Katherine Mary Marcelino Benevides

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/270-283

CAPÍTULO 22.....284

GESTANTES ADOLESCENTES E A TRANSMISSÃO VERTICAL DA SÍFILIS: EDUCAÇÃO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO

Scherdelândia de Oliveira Moreno

Michelle Dias Amanajás

Silvana Rodrigues da Silva

Maria Virgínia Filgueiras de Assis Mello

Nely Dayse Santos da Mata

Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini

Luzilena de Sousa Prudêncio

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/284-297

CAPÍTULO 23.....298

O USO EXCESSIVO DE SMARTPHONES E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES

Rosani Bueno de Campos

Emelyn da Silva Gonçalves

Fabiana Aparecida Vilaça

Renan Kolver Zagolin

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/298-308

CAPÍTULO 24.....309

INFLUÊNCIA DOS TELÔMEROS NO SURGIMENTO DO CÂNCER DURANTE O ENVELHECIMENTO

Steffany Larissa Galdino Galisa

Raysla Maria de Sousa Almeida

Thaynara Teodosio Bezerra

Mathias Weller

Anna Júlia de Souza Freitas

Raquel da Silva Galvão

Radmila Raianni Alves Ribeiro

Adriana Raquel Araújo Pereira Soares

Lorena Sofia dos Santos Andrade

Milena Edite Casé de Oliveira

Kedma Anne Lima Gomes

Ricardo Julio Barbosa Barros

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/309-316

CAPÍTULO 25.....317

IMPORTÂNCIA DOS INDICADORES DE SAÚDE PARA A GESTÃO DO CUIDADO À PESSOA IDOSA NA ATENÇÃO BÁSICA

Nidiane Evans Cabral Bacelar

Claudia Feio da Maia Lima

Uilma Santos de Souza

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/317-329

CAPÍTULO 26.....330

A PERCEPÇÃO DO IDOSO SOBRE SEUS DIREITOS EM SAÚDE

Fabíola Régia Moreira da Silva

Rebeca Costa Gomes

Rafaela Alves de Sousa

Pâmala Samara Formiga Coelho

Jonantha Luct Vicente Vieira de Meneses

Hortência Benevenuto Silva

Higor Braga Cartaxo

Franceildo Jorge Felix

DOI: 10.47094/978-65-88958-30-8/330-343

GESTANTES ADOLESCENTES E A TRANSMISSÃO VERTICAL DA SÍFILIS: EDUCAÇÃO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO

Scherdelândia de Oliveira Moreno¹

Residente em Saúde Coletiva, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/9482546099925945>

Michelle Dias Amanajás²

Residente em Enfermagem Obstétrica. SESA, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/8647710117136264>

Silvana Rodrigues da Silva³

Docente, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/6198938137696260>

Maria Virgínia Filgueiras de Assis Mello⁴

Docente, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/0995257431964701>

Nely Dayse Santos da Mata⁵

Docente, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/0529429570261510>

Tatiana do Socorro dos Santos Calandrini⁶

Docente, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/9646872750954617>

Luzilena de Sousa Prudêncio⁷

Docente, UNIFAP, Macapá, Amapá.

<http://lattes.cnpq.br/9530554407871026>

RESUMO: Introdução: Dados apresentados pelo Sistema de Informações de Agravos de Notificação, demonstram elevado número de sífilis congênita em todo país. A sífilis permanece como um sério problema de saúde pública, o grande número de casos em gestantes e seus parceiros têm levado ao aumento da sífilis congênita, demonstrando a necessidade de estratégias de prevenção efetivas. Questiona-se: como a educação em saúde pode influenciar nos saberes de gestantes adolescentes à respeito da sífilis congênita? Objetivo: realizar atividades educativas, com ênfase na sífilis congênita, para um grupo de gestantes adolescentes usuárias de uma UBS de Macapá. Metodologia: trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e para coleta de dados utilizou-se de metodologias ativas com o círculo de cultura de Paulo Freire. A partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa emergiram três categorias: 1) saberes sobre as práticas sexuais; 2) saberes sobre as IST e saberes sobre os métodos contraceptivos. Resultados: Constatou-se que grande necessidade de implementação de ações que promovam a prevenção de maneira continuada com estratégias que provoquem os usuários positivamente, ampliando as atividades educativas envolvendo mais unidades e descentralizado a educação em saúde, que por vezes é realizada apenas nas consultas de rotina do pré-natal, facilitando que mais pessoas possam relatar vivências e compartilhar o conhecimento. Considerações finais: A gestante em posse das informações necessárias e adequadas sobre a sífilis são capazes de evitar a sua contaminação bem como a do bebê, atuando ainda como agente disseminadora do conhecimento para o parceiro e outras gestantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis. Sexualidade na adolescência. Educação em saúde.

ADOLESCENT PREGNANT WOMEN AND THE VERTICAL TRANSMISSION

ABSTRACT: Introduction: Data presented by the Notification of Infringement Information System show a high number of congenital syphilis all over the country. Syphilis remains a serious public health problem, and the large number of cases in pregnant women and their partners has led to an increase in congenital syphilis, demonstrating the need for effective strategies of prevention. It is questioned: how can health education influence the knowledge of pregnant women about congenital syphilis? Objective: to carry out educational activities, with emphasis on congenital syphilis, for a group of adolescent pregnant women using a UBS in Macapá. Methodology: this is a descriptive research with a qualitative approach and for data collection it was used of active methodologies with the circle of culture of Paulo Freire. Three categories emerged from the reports of the research subjects: 1) knowledge about sexual practices; 2) knowledge about IST and knowledge about contraceptive methods. Results: This research demonstrated the great need for implementation of actions that promote prevention in a continuous way with strategies that provoke users positively, expanding educational activities involving more units and decentralized health education, which is sometimes performed only in the routine consultations of the prenatal care, making it easier for people to share experiences and share knowledge. Conclusions: Case of syphilis, the pregnant woman in possession of the necessary information, are able to avoid its contamination as well as that of the baby, acting as

an agent to disseminate knowledge to the partner and other pregnant women.

KEY-WORDS: Syphilis. Sexuality in adolescence. Health education.

INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são consideradas um problema de saúde pública, uma vez que há uma grande incidência no Brasil e no mundo. Acredita-se que o fato esteja ligado as questões culturais, por se tratar de doenças relacionadas ao foro íntimo veladas entre os sujeitos.

No Brasil as subnotificações de registros de casos confirmados e a falta de uma Política Nacional de prevenção e controle impossibilitam qualquer avaliação epidemiológica mais aprofundada das IST. As estimativas numéricas de 6.613.790 novos casos por ano dessas patologias, dos quais a maioria ocorre entre adolescentes e adultos jovens (dados estimados até o mês de agosto de 2003), são superiores, mas devido a essa subnotificação encontram-se abaixo da estimativa (BRASIL, 2016).

Um dos grupos mais vulneráveis as IST, são os adolescentes, possivelmente devido aos seus hábitos de vida, falta de informação quanto ao modo de transmissão e prevenção, crença de invulnerabilidade e seus comportamentos de riscos. Em casuística estudada no Pará a co-infecção é presente e crescente, sendo maior entre jovens, de baixa escolaridade, com parceiro sexual único e sem uso de preservativos (SANZ; GUINSBURG, 2008).

Estudos enfatizam que o enfoque de risco aparece fortemente associado aos adolescentes por meio das expressões como gravidez de risco, risco para DST/AIDS e pelo consumo de drogas ilícitas, bem como a banalização dessa temática, culminando em uma maior exposição dessas infecções e também a gravidez na adolescência (BUENDGENS; ZAMPIERI, 2012; ANDRADE *et al.*, 2014).

Arevisão integrativa realizada por Luna et al. (2012), concluíram que a maioria dos adolescentes possuem várias dúvidas em relação à sexualidade, aos métodos anticoncepcionais e, principalmente, sobre a prevenção e implicações das IST, os tornando mais vulneráveis e susceptíveis a gravidez na adolescência.

As grávidas adolescentes estão sujeitas às IST e conseqüentemente expõem seus conceitos a sífilis congênita. Esta doença é considerada um grande problema de saúde pública e de relevância social, pois segundo Silva et al (2010, p. 4) é uma “doença multifacetada, com sérias implicações para a gestante e seu conceito, podendo ocasionar abortamento, prematuridade, natimortalidade, recém-nascido com sífilis ou aparentemente saudável que poderá desenvolver sinais clínicos posteriormente.”

A educação em saúde demonstra ser uma importante ferramenta para os profissionais no que se refere à prevenção de doenças e promoção da saúde. No caso especial da sífilis, a gestante em posse das informações necessárias, são capazes de evitar a sua contaminação bem como a do bebê, atuando ainda como agente disseminadora do conhecimento para o parceiro e outras gestantes (ARAUJO, et

al. 2013).

A sífilis congênita é responsável por altas taxas de morbidade e mortalidade, podendo chegar a 40% a taxa de abortamento, óbito fetal e morte neonatal (LUMIGANON *et al.*, 2012; BRASIL, 2015). A proposta de um projeto de intervenção envolvendo essa temática deu-se ao fato do aumento no número de jovens com vida sexual ativa e de gravidez na adolescência, associado ao elevado número de sífilis congênita em todo país.

Considerando que o grande número de casos em gestantes e seus parceiros têm levado ao aumento da sífilis congênita, demonstrando a necessidade de estratégias de prevenção efetivas. Diante disto, questiona-se: como a educação em saúde pode influenciar nos saberes de gestantes adolescentes à respeito da sífilis congênita?

O objetivo geral desta pesquisa foi realizar atividades educativas, com ênfase na sífilis congênita, para um grupo de gestantes adolescentes usuárias de uma UBS de Macapá, e como objetivos específicos: caracterizar o grupo de gestantes participantes das atividades educativas; promover o compartilhamento de saberes entre as gestantes adolescentes sobre as IST, com ênfase na sífilis; e incentivar a participação dessas gestantes adolescentes na melhora das condições de saúde delas mesmas e seus grupos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa associada à metodologias ativas. O local da pesquisa foi na Unidade Básica de Saúde (UBS) no bairro do Marabaixo, situada na cidade de Macapá-AP. Participaram nove (9) gestantes adolescentes que recebem assistência pré-natal nessa unidade ou que receberam atendimento pela equipe de Estratégia Saúde da Família da respectiva unidade, não sendo exigido uma quantidade mínima de consultas.

A estratégia adotada para fazer a intervenção, coleta e análise de dados foi o Círculo de Cultura de Paulo Freire, pois consiste em ferramenta metodológica que de acordo com Mélló *et al* (2007), possibilita o debate entorno de uma temática, onde os participantes, por meio da troca de experiências e posicionamento do grupo, buscam juntos compreender o significado dos acontecimentos em seu entorno. Além de rodas de conversa proporcionadas por oficinas agendadas, houve aplicação de um questionário para caracterização dos sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Saberes sobre as práticas sexuais

No primeiro encontro sobre as práticas sexuais participaram oito (08) adolescentes e foi discutido sobre os conhecimentos sobre o seu corpo e a sexualidade, foram utilizados protótipos de borracha o qual simula os órgãos genitais representando o aparelho reprodutor masculino e feminino, fazendo uma abordagem de diferentes aspectos que o tema exige: identificar órgãos e funções, o conhecimento de que cada indivíduo tem um ritmo de desenvolvimento próprio, eficácia dos métodos contraceptivos.

A sexualidade na adolescência tem sido um assunto muito frequente hoje em dia, sobretudo pelo apelo e exibicionismo externados nos meios de comunicação (COSTA *et al.*, 2014).

Porém, mesmo havendo uma maior abertura na sociedade, muitas crenças errôneas ainda são disseminadas entre essa população, fazendo com que eles se exponham a maiores riscos em suas práticas sexuais. Os adolescentes manifestaram várias dúvidas em relação à sexualidade, sendo que um grande número dos adolescentes não conhecem o próprio corpo, o que ficou evidenciado nos seguintes relatos:

A família..., a escola não conversa sobre sexo, só algumas coisas de aparelho reprodutor, aprendi na prática, quebrando a cara. Nem sabia como fazer..., mantive relação e fiquei grávida (Participante 09).

É verdade o que ela falou, quando menstruei a primeira vez, não sabia o que estava acontecendo, pensei que estava morrendo, não parava de sangrar (risos). (Participante 04).

A sexualidade do adolescente deve ser discutida na sociedade, pois, não falar sobre esse assunto, não vai fazer com que ele deixe de existir, e gera diversas consequências a longo prazo para a vida deste.

Andrade *et al.* (2014) constataram professores da escola sentiam-se inseguros de abordar a temática sexualidade com os adolescentes, pois não possuíam o preparo necessário. É notório a importância da escola em abordar de forma didática, objetiva e lúdica assuntos relacionados a sexualidade não somente sobre informações biológicas. Além disso, promover recursos que permitam a formação continuada dos professores e mais participação dos pais (SOUZA *et al.*, 2016).

Os pais sentem dificuldades em abordar naturalmente a sexualidade com os seus filhos, passando a responsabilidade primordial para a escola e, dessa forma, eximindo-se do papel de educadores (FREIRE *et al.*, 2017).

É sabido que, na atualidade, após uma trajetória de avanços e retrocessos a orientação sexual vem sendo trabalhada no contexto ambulatorial, escolar, familiar, sendo possível discutir a temática e elaborar projetos de intervenção que atendam à demanda das diferentes faixas etárias que compõem a comunidade.

Nos estudos de Freire *et al.* (2017) os adolescentes entrevistados quando foram questionados sobre a sexualidade expressaram medo de se sentirem reprimidos e impedidos pelos familiares. E afirmaram que seus pais os consideram muito jovens e não permitem que cometam erros muito cedo. Essa repreensão da sexualidade que ainda é vista nos dias de hoje, gera uma maior dificuldade de comunicação entre os adolescentes e os pais, que pode levar eles a tomarem decisões e atitudes erradas em relação as práticas sexuais.

Se, inicialmente, buscava-se uma orientação para evitar a gravidez precoce e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, Andrade *et al* (2016) afirma que hoje, busca-se muito mais ao colocar em discussão temáticas relacionadas, como por exemplo o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade e o entendimento de que a sexualidade é algo característico à vida e à saúde

A sexualidade feminina ainda é algo considerado um tabu social, pois o que se propagou historicamente é um preconceito velado a mulheres que tentam exercer a sua sexualidade, nesse caso torna-a vulgar e é recriminada socialmente.

A temática que abrange sexualidade sempre esteve encoberta por tabus e preconceitos, especialmente quando se refere à sexualidade feminina, o tema se torna ainda mais intangível quando o relacionamos a adolescência (MARTINS *et al.*, 2015).

Os adolescentes são um grupo que se tornou muito vulnerável as diversas IST, devido as suas atitudes em crê que os problemas só acontecem com os outros, e em muitos casos esse pensamento faz com eles se exponham a muitos riscos.

Eles geralmente apresentam uma fantasia de indestrutibilidade, onipotência que podem levar a determinadas expressões comportamentais como: dificuldade em aceitar conselhos, desejo de experimentar o novo, comportamento sexual exploratório, dentre outros (MONTEIRO, 2014).

As informações incorretas disseminadas entre os adolescentes, em que o coito interrompido é uma forma de prevenir a gravidez, faz com que os índices de gravidez nessa fase e as IST sejam cada vez maiores. Os adolescentes necessitam ter conhecimentos e habilidades que os auxiliem na adoção de comportamentos de sexo seguro (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008).

É preciso refletir sobre a responsabilidade do homem, desde cedo, e descaracterizar que a gravidez e IST ocorrem sob responsabilidade única e exclusivamente da mulher. O uso de preservativos, como mostrou os resultados, está diretamente relacionada à gravidez, sendo que esta é a repercussão mais conhecida e temida pelos adolescentes, as meninas acabam por tornarem-se as responsáveis prioritárias pela gestação.

A pesquisa de Pariz *et al.* (2012), corrobora com a informação de que a gravidez na adolescência acarreta uma sobrecarga para as adolescentes, que devido a gestação, em muitos casos abandonam os estudos e ficam responsáveis pela criação do filho, gerando para a vida adulta da mulher muitas dificuldades de se enquadrar no mercado de trabalho.

Evasão escolar é também um fato, criando-se um círculo vicioso, pois a adolescente deixa os estudos para cuidar do filho, e o retorno à escola é dificultado, o que leva ao aumento dos riscos de desemprego (GUANABENS *et al.*, 2012).

Nesse sentido, o compartilhamento de responsabilidade ainda é algo distante da realidade dessas adolescentes, visto que a combinação entre uso de preservativo e pílula anticoncepcional é uma preocupação prioritária feminina. (CAMPO-ARIAS *et al.*, 2010).

Saberes sobre as IST

A falta de conhecimento sobre as IST é algo preocupante, pois a partir disso, gera um comportamento de risco, que expõe esses adolescentes a informações errôneas e atitudes que podem levar ao adoecimento.

Nessa direção, os estudos de Padilha *et al.* (2015) afirmam que embora o número de adolescentes da sua pesquisa que evidenciaram algum nível de conhecimento sobre IST tenha sido pouco expressivo, considerou-se significativa a relevância dada pelos estudantes para o HIV, a sífilis e a gonorreia.

As orientações sobre as IST devem ser disseminadas por pessoas que repassem informações corretas e fáceis de serem compreendidas para essa população, os profissionais da saúde da atenção básica e professores devem ter uma conversa mais aberta sobre a temática. Quando perguntadas sobre as orientações sobre as IST recebidas no pré-natal:

Particpei de uma palestra assim que iniciei o pré-natal e me explicaram a importância de fazer os exames, no pré-natal pedem muitos exames, para muitas doenças, sei que é importante para a saúde do bebê [...] (Participante 01).

Eles só falam pra gente usar camisinha e não passar doença [...]. (Participante 08).

Os relatos das adolescentes mostram o quanto pode-se melhorar e aprimorar a forma de abordagem das adolescentes quanto ao assunto, que o mesmo não deve se restringir a sala de consulta e pode-se utilizar de outros recursos para que a educação em saúde tenha efeitos positivos com relação ao entendimento desse grupo de indivíduos com características peculiares.

As informações no campo da saúde sexual e reprodutiva na adolescência devem promover sujeitos autônomos, responsáveis e conscientes do exercício de sua sexualidade, através da adequada orientação (VIEIRA *et al.*, 2017).

A falta de conhecimento sobre as IST e o seu modo de transmissão expõe os adolescentes a um risco maior de contaminação e transmissão desses males. O enfoque de risco aparece fortemente associado a esta faixa etária por meio das expressões como gravidez de risco, risco para DST e AIDS e por usar drogas ilícitas (BUENDGENS; ZAMPIERI, 2012).

A adolescência é uma fase na vida do ser humano de descobertas e de riscos, pois devido a

curiosidade que há, eles tornam-se vulneráveis as doenças e aos mais diversos comportamentos de riscos.

É importante considerar que a vulnerabilidade dos adolescentes às IST relaciona-se para além das questões de gênero, mas também as intensas mudanças biopsicossociais vivenciadas nessa fase de transição entre a infância e a idade adulta (MONTEIRO, 2014).

Segundo Monteiro *et al.* (2015), as adolescentes são mais vulneráveis às DST/HIV/AIDS, não apenas pela constituição biológica do trato genital feminino, como também pela frequência com que são vítimas de submissão e violência em função das questões de gênero, resultando no baixo controle sobre sua atividade sexual e uso do preservativo.

As informações que os adolescentes obtêm sobre as IST normalmente são adquiridas através dos profissionais da educação e de saúde, que devem estar preparados para repassar esses conhecimentos de uma forma adequada para que eles consigam compreender as informações repassadas. Uma das adolescentes citou a hepatite e sífilis, porém relatou ter dúvidas quanto à forma de transmissão:

Acho que a sífilis e hepatite também, da vez que fiz exame o cara falou pra eu usar camisinha até ter o bebê. (Participante 02).

Este relato mostra que ainda há muita desinformação entre os adolescentes em relação à transmissão das IST, e que a educação em saúde deve ser a forma utilizada para combater esse mal. Há fragilidade nos serviços de saúde em desenvolverem estratégias que promovam a educação e saúde entre os jovens (ANDRADE *et al.*, 2014). Os profissionais da saúde precisam orientar melhor as adolescentes de o porquê do uso do preservativo, pois muitos acreditam por já estarem grávidas não precisam mais fazer o uso do mesmo, gerando o aumento dos riscos de contaminação IST tanto para a gestante como para o feto.

O desconhecimento sobre o modo de transmissão da sífilis pode ser uma das causas do aumento do diagnóstico de tal patologia nos dias de hoje, em especial entre as gestantes, os dados divulgados pela secretaria municipal de saúde do município de Macapá registrou 190 casos de sífilis, o Ministério da Saúde apontou que entre janeiro a julho de 2017 foram registradas 57 gestantes com quadro de sífilis no Amapá (ALVES, 2017).

Andrade *et al.* (2014) orienta que é necessário um preparo maior do profissional que vai trabalhar com essa população específica, já que as formas de envolvimento, dinâmica de aprendizado e comportamento são muito peculiares.

Sensibilizar as gestantes sobre o impacto da sífilis para a sua saúde e a do bebê que irá nascer é algo fundamental, explicando a forma de transmissão e a prevenção da doença, para que façam os exames básicos do pré-natal, dentre eles os testes rápidos para sífilis.

O pré-natal e o puerpério são momentos fundamentais para a orientação das principais medidas de prevenção contra a sífilis. O diagnóstico precoce é importante, principalmente em gestantes, com vistas a evitar a problemática da sífilis congênita (RINQUE *et al.*, 2017).

A sífilis gestacional é algo sério e deve ser realizado o acompanhamento durante toda gestação, e após isso, dever ser feito o seguimento do tratamento que é preconizado pelo Ministério da Saúde, com a realização dos exames necessário durante os dois primeiros anos do diagnóstico, para ser considerado curado da doença.

A primeira dinâmica realizada tinha como objetivo proporcionar uma reflexão sobre o autocuidado, práticas sexuais responsáveis e comportamento de risco. Ao final da dinâmica foi explicado a legenda das figuras indagou-se o entendimento das adolescentes:

Na brincadeira comecei com o triângulo e passei pra frente a DST, a pessoa que não se protegeu pode tá com a doença também, pode pegar. (Participante 06).

Acho que o uso da camisinha... preservativo é a forma para se prevenir, vejo o desenho da colega...não sei o significado, copio (me relaciono), do mesmo jeito quando ficamos com alguém, ela não vai falar que tem doença. (Participante 04).

A prevenção ainda é a melhor estratégia para evitar a doença, pois a orientação sobre os cuidados necessários para se ter uma vida sexual saudável é o caminho para reduzir o contágio e transmissão das IST. A dinâmica proporcionou a verificação do entendimento da transmissão das doenças sexualmente transmissíveis pelas gestantes, desta forma é possível verificar a aplicabilidade e a funcionalidade desejada para conscientização.

Monteiro *et al.* (2015) apontou que independente do status sorológico, a relação sexual e a baixa prevalência do uso do preservativo se mostraram como principais formas de exposição à sífilis e outras IST em ambos os sexos e gestantes adolescentes.

Os jovens devem ser orientados, conscientizados a se prevenir, por meio de conversas abertas, que propõe estimular a expressividade e esclarecimentos sobre dúvidas, curiosidades e perguntas (RINQUE *et al.*, 2017).

Os resultados desse estudo apontam que há muitas lacunas no conhecimento das gestantes adolescentes sobre as práticas sexuais adequadas para prevenir não apenas a gravidez, como o contágio das IST. Padilha *et al.* (2015) corroboram com os dados semelhantes no seu estudo onde afirmam que há lacunas de conhecimento sobre IST entre os adolescentes investigados e considerou-se os estudantes vulneráveis as infecções sexualmente transmissíveis.

Saberes sobre os métodos contraceptivos

O terceiro encontro originou a terceira categoria os saberes sobre o uso de métodos contraceptivos, dando ênfase ao preservativo, a maioria das gestantes relataram não carregar consigo camisinha e que seu uso não é habitual. Acreditavam que o coito interrompido seria um método eficiente:

Da primeira vez que reunimos eu achava que só tirando na hora não engravidasse, agora sei que não, já pode engravidar...já pode...pode pegar doença. (Participante 09).

Hoje foi a primeira vez que vi a camisinha pra mulher, é bem grande, achei feia. (Participante 07).

Utilizando um protótipo de borracha que simula um pênis, foi solicitado que todas as gestantes colocassem a camisinha no mesmo, mostrando o embaraço e falta de habilidade das gestantes, por sempre deixarem a cargo do parceiro a responsabilidade do porte e uso no ato sexual. Nenhuma das participantes da pesquisa tiveram algum contato com a camisinha feminina e desconheciam como utilizá-la.

As adolescentes devem saber como manusear o preservativo masculino e o feminino, pois é algo que visa a proteção contra doenças e gravidez, não adianta omitir informações dessa população, por acreditar que não discutindo o tema eles não irão iniciar a vida sexual, a omissão quanto a forma correta de se colocar o preservativo, pode levar a exposição a doenças e gravidez indesejada.

O método de barreira representa a principal estratégia de prevenção da gravidez e IST, sendo um método que, se bem utilizado, não prejudica a relação sexual, apresenta excelente custo-efetividade (VALIM *et al.*, 2015).

A abordagem dos métodos contraceptivos se faz necessária, na medida de sua importância para a temática trabalhada, isso porque é preciso refletir sobre a responsabilidade do homem, desde cedo, e descaracterizar que a gravidez e IST ocorrem sob responsabilidade única e exclusivamente da mulher.

Há especialmente entre a população masculina um certo estigma na utilização do preservativo por acharem que o uso afeta a sensação de prazer, como já mostra diversas pesquisas científicas. A população adolescente deve ser conscientizada que os riscos de contrair uma IST são maiores do que as informações errôneas sobre diminuição do prazer sexual.

A maior chance de não utilização do preservativo relacionada ao inconveniente mostra a necessidade de desmistificar o látex do preservativo masculino como fator que interfere na sensibilidade. Pode-se tirar proveito das inovações como aroma e cores para incentivar o uso (VALIM *et al.*, 2015).

As informações erradas em relação ao uso do preservativo devem ser desmitificadas, através de uma conversa aberta com os adolescentes, em relação as dúvidas que eles tem sobre essa temática.

Foi observado na pesquisa de Jardim *et al.* (2013) que boa parte dos adolescentes da escola pública afirmou que não usaram o preservativo na primeira relação sexual por achar desconfortável e por diminuir o prazer na hora do ato sexual.

As informações sobre o uso do preservativo devem ser debatido nos círculos sociais em que o adolescente se encontra, para que ele compreenda a sua importância e as consequências que ele pode evitar para a vida adulta.

No que concerne à relação entre uso de preservativo e informações sobre proteção/contracepção,

cabe salientar a importância da família, dos amigos e professores, reforçando o papel dos pais e da educação sexual na escola, como fonte de esclarecimento e orientação (JARDIM *et al.*, 2013).

As atividades grupais constituem-se em uma forma privilegiada de facilitar a expressão de sentimentos, a troca de informações e experiências, bem como a busca por soluções (FREIRE *et al.*, 2017).

As dinâmicas de grupos são ações que auxiliam na disseminação de informações corretas para os adolescentes, também os tornam protagonistas no seu cuidado e até mesmo possibilita que eles transmitam essas informações aos seus pares.

O trabalho mais indicado e o menos realizado no âmbito das políticas públicas para adolescentes é o da educação sexual, pois o que existe é um grande empenho informativo centrado no uso de anticoncepcionais (PARIZ; MENGARDA; FRIZZO, 2012).

As adolescentes se identificaram com algumas cartas do baralho e colocaram ser diferente e interessante, pois debate assuntos corriqueiros na rotina dos relacionamentos. Afirmaram ainda que o assunto não é debatido em casa, muitas iniciaram a vida sexual escondido dos pais.

É necessário que a família participe mais na educação sexual dos filhos, pois ignorar essa esfera da vida do adolescente, não faz com que eles não iniciem a vida sexual, mas sim que inicie de forma despreparada e correndo riscos por falta de informação e confiança nos pais.

A sociedade deve estar mais envolvida, em relação à educação sexual, pois não a transmissão das informações não deve ser limitada aos profissionais da saúde e professores. A responsabilização nessa discussão sobre a educação sexual perpassa pela família, pela escola e pela unidade de saúde (VIEIRA *et al.*, 2017).

Sobre a dificuldade de diálogo com os pais, por estes não saberem abordar o tema com os seus filhos, ou por repetirem a mesma conduta de seus pais, da falta de diálogo, os adolescentes procuram de alguma forma evitar o assunto ou o abordam com muita dificuldade (FREIRE *et al.*, 2017).

Apesar de haver, atualmente, políticas públicas implementadas para promover a saúde do adolescente, ainda faltam esforços para ações em que haja interação do adolescente com a família, em relação à educação sexual para esse grupo (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008).

As políticas públicas para a saúde do adolescente devem ser atualizadas de acordo com as novas demandas dessa população, voltadas principalmente para a educação sexual, para que eles aprendam que podem ter uma vida sexual, mas precisam ser cuidadosos com as suas escolhas, pois elas irão refletir no restante da vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em saúde é uma das principais armas contra a disseminação das IST, sífilis congênita e gravidez precoce. Porém, é necessário que as ações de saúde sejam mais eficientes e ativas, que instiguem essas adolescentes a se interessar mais sobre a temática de forma saudável.

Na efetivação das políticas públicas voltadas aos adolescentes, é necessário considerar as especificidades deste grupo, considerando os níveis de complexidade que envolvem essa faixa de idade, sendo fundamental avançar na organização dos serviços, de modo a possibilitar a participação dos adolescentes nos serviços de saúde, expandindo sua acessibilidade às ações preventivas, além de garantir uma assistência de qualidade.

O que se evidenciou entre as participantes, é que a principal preocupação para o uso do preservativo estava relacionada à gravidez, pois muitas acreditavam na fidelidade do parceiro e que não se preocupavam com as IST. Mesmo com os diversos meios de informação disponíveis, é a disseminação de conhecimentos errados entre os adolescentes, que expõem eles há um risco ainda maior. A gestante em posse das informações necessárias e adequadas sobre a sífilis são capazes de evitar a sua contaminação bem como a do bebê, atuando ainda como agente disseminadora do conhecimento para o parceiro e outras gestantes.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES.

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. **Quase 200 casos de sífilis são registrados em Macapá em 2017**: mulheres jovens são maioria. Macapá, nov. 2017.

ANDRADE, L. D. F. et al. Promovendo Ações Educativas sobre Sífilis Entre Estudantes de uma Escola Pública: Relato de Experiência. **R bras ci Saúde**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 157-160, 2014.

ARAÚJO, F. M. et al. Educação em saúde sobre sífilis com um grupo de Gestantes: um relato de experiência de Acadêmicas de enfermagem. **Rev. SANARE**, Sobral, V12, n.2, p.59-62, jun./dez. 2013.

BARBOSA, S. M.; COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de HIV/AIDS. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 96-102, jan./mar.2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual Técnico para Diagnóstico da Sífilis**. Ministério da Saúde,

Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis**. Brasília, 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: AIDS/DST**. Brasília, ano XVI, n.1, abr/dez, 2002.

BUENDGENS, B. B; ZAMPIERI, M. F. A adolescente grávida na percepção de médicos e Enfermeiros da atenção básica. **Esc Anna Nery** (impr.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 64- 72, 2012.

CAMPO-ARIAS, A.; CEBALLO, G. A.; HERAZO, E. Prevalência do padrão de comportamento de risco para a saúde sexual e reprodutiva em estudantes adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p.26-30, 2010.

COSTA, F. R. F. et al. **Orientação sexual e gravidez na adolescência**. Anais ISSN: 2317-1804 / VOL. 2 (1) 2014: 4-9. 2017.

FREIRE, A. K. S et al. Aspectos psicossociais da sexualidade na adolescência: diálogos e aprendizagem na escola. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 38, n. 1, p. 3-14, 2017.

GUANABENS, M. F. G et al. Gravidez na Adolescência: um Desafio à promoção da Saúde Integral do Adolescente. **Revista brasileira de educação médica**, v. 26, supl. 2, p. 20-24, 2012.

JARDIM, V. M. J et al. O conhecimento e o uso de preservativo por adolescentes: estudo comparativo em uma escola particular e pública. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, Campos de Goytacazes, v. 8, n. 1, 2013.

LUMBIGANON, P. et al. The epidemiology of syphilis in pregnancy. **International Journal of STD & AIDS**, [S.l.], v. 13, n.7, p. 486-494, July. 2012.

LUNA, I. T; et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às dst/aids. **Ciencia y enfermeria XVIII** (1), 2012.

MARTINS, F. C. G et al. Chega de tabus: adolescência e sexualidade feminina sem preconceitos. **XXII Semana de Educação da Universidade Estadual do Ceará**, 2015.

MONTEIRO, M. O. P et al. Fatores associados à ocorrência de sífilis em adolescentes do sexo masculino, feminino e gestantes de um Centro de Referência Municipal/CRM - DST/HIV/ AIDS de Feira de Santana, Bahia. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 21-32, 2015.

MONTEIRO, M. O. P. **Prevalência e fatores associados à ocorrência de sífilis em adolescentes de feira de santana/bahia, 2003-2012**. Universidade estadual de feira de Santana, Departamento de saúde [Dissertação], Feira de Santana, 2014, 56p.

- PADILHA, A. P et al. O conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, Brasília, v. 6, supl. 3, p.2249-60, 2015.
- PARIZ, J; MERGARDA, CF; FRIZZO, GB. A Atenção e o Cuidado à Gravidez na Adolescência nos Âmbitos Familiar, Político e na Sociedade: uma revisão da literatura. **Saúde Soc.** São Paulo, v.21, n.3, p.623-636, 2012.
- RINQUE, LCL et al. Relato de experiência: discutindo saúde sexual e gravidez na adolescência. **Revista Científica FAEMA**, Ariquemes, v. 8, n. 2, jul./dez., 2017. ISSN: 2179-4200.
- SANZ, S. M; GUINSBURG, R. Prevalência de soropositividade para sífilis e HIV em gestantes de um Hospital Referência Materno Infantil do Estado do Pará. **Rev Para Med**; 22(3): 1-11, 2008.
- SILVA, M. R. F.; BRITO V.; FREIRE, L. C. G.; PEDROSA, M. M.; SALES, V. M. B.; LAGES, I. Percepção de mulheres com relação à ocorrência de sífilis congênita em seus conceitos. **Rev. APS**, 2010, v. 13, p.301-309, Juiz de Fora.
- SOUZA, L. P. G. et al. Adolescência e sexualidade: influência do conhecimento empírico no comportamento sexual de risco. In: Congresso nacional de educação, 3, 2016, Natal. **Anais**. Natal: CONEDU, 2016.
- VALIM, E. M. A. et al. Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 44-9, 2015.
- VIEIRA, M. P et al. Espaço dialógico sobre sexualidade na adolescência: e agora, professor? **REVASF**, Petrolina, v. 7, n.14, p. xx-xx, dez., 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- acesso aos serviços de saúde 61, 78, 80, 81, 82, 83, 176, 272, 273, 277, 278, 280, 318, 331, 339, 340
- acidente de trânsito 227, 228, 229, 230, 239
- ações de fiscalização 190
- acompanhamento pré-natal 271, 273, 274, 275, 278, 280
- alcalóides 115, 117, 125
- aleitamento estendido 270, 277
- aleitamento materno 270, 271, 272, 273, 274, 277, 280, 281, 282, 283
- aleitamento materno exclusivo 270, 272, 273, 274, 282
- alimentação saudável 214, 223
- alimentos contaminados 190
- alteração no estado emocional 241, 247, 251
- alterações epigenéticas 310, 312
- alterações físicas 298, 301
- antibiótico 88, 98, 99, 126, 165
- anti-obesidade 116
- antioxidante 116, 119, 121, 123, 124, 126, 127
- antiparasitário 116, 126
- apoio social 279, 317, 323
- aspectos fisiopatológicos 158
- aspectos sociais 24, 79, 80, 82, 242
- atenção primária à saúde 55, 58, 88, 90, 104
- Atenção Primária à Saúde 32, 33, 34, 41, 42, 43, 44, 53, 75, 83, 86, 141, 281, 321, 322, 328
- atendimento à saúde 55
- atendimento à violência 55, 57
- atividades farmacológicas 116, 127
- atividades físicas 214, 223, 243, 244, 249, 298, 302, 306, 307, 336
- atrito de telômeros 310, 312
- ausência dentária 241, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251
- autoavaliação de saúde 317, 321, 324, 325
- autocuidado 36, 37, 38, 49, 104, 109, 112, 186, 278, 292, 322, 336

B

bactéria *Mycobacterium leprae* 179
bactéria *Rickettsia rickettsii* 157, 159, 160
bem-estar psicológico 317, 323
brucelose 190, 192, 193, 194, 199

C

calmante 88, 99
câncer 124, 125, 201, 204, 206, 207, 208, 210, 211, 310, 311, 312, 313, 314
Câncer de Pele 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210
capacete 227, 234
características heterogêneas 78, 80
carrapatos do gênero *Amblyomma* 157, 160
casos de tuberculose 172, 174
celulares 125, 150, 298, 299, 300, 313
cidadania do idoso 331, 340
ciências da saúde 6, 30, 255, 256
cinchonidina 115, 117
cinchonina 115, 117, 119, 121, 125
cinto de segurança 227, 234, 235, 237
cirurgia cardíaca 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224
cisticercose 190, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199
cobertura assistencial 78, 80
cobertura vacinal 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 155
comércio clandestino 190, 191, 192, 196, 197
comércio clandestino de carne e leite 190
Comissões Intergestores Regionais 60
complicações no pós-operatório 213, 215, 216, 217, 219, 220, 223, 225
compreender formas de agir 19, 20
comprovações científicas 116, 118
comunidade acadêmica 135, 136, 137, 140, 142
concepção de saúde e doença 19
conhecimento em saúde 179
conhecimento sobre Hanseníase 179

constrangimento em sorrir 241, 251
controle de qualidade 153, 190, 195, 197
cooperação entre o Estado e os municípios 60
crianças e pré-adolescentes 298, 301, 303
cuidado à pessoa idosa 317, 319, 321, 324, 328
cuidado de enfermagem 43, 47

D

declínio cognitivo 317, 322, 326
deficiência do cumprimento vacinal 135
diferentes realidades sociais 55
dificuldade de integrar 55
dificuldades da mulher 55
direitos dos idosos 331, 338, 340
dispositivos móveis 298, 299, 300, 306
doença infecciosa crônica 172
doença infectocontagiosa 179, 180
doença negligenciada 172
doenças cardiovasculares 213, 214, 216, 224, 317, 322, 326
doenças crônicas 134, 137, 323, 334
doenças infecciosas 22, 145, 146, 153, 159, 166
Doxiciclina 158

E

Educação em Enfermagem 33
educação em saúde 43, 48, 49, 52, 105, 141, 142, 190, 215, 285, 286, 287, 290, 291, 295, 332, 341
empresas do setor alimentício 190
encurtamento dos telômeros 310, 313
Enfermagem em Saúde Comunitária 33, 43
enfermeiros 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 92, 107, 108, 109, 110, 112, 219, 222, 296
ensaios in vivo ou in vitro 116
envelhecimento 124, 310, 311, 312, 313, 314, 318, 319, 321, 322, 323, 324, 328, 332, 336, 337, 340, 341, 342
envelhecimento celular 310, 311, 312
Epidemiologia 19, 20, 21, 22, 28, 30, 31, 176, 180, 182, 188, 238, 255, 268
Equidade em saúde 79

equipe de enfermagem 42, 216, 223
estudante da área da saúde 19
etiologia 158, 209
Exantemas maculopapulares 158
expansão de conhecimentos 33, 39, 50

F

fake news na área da saúde 146, 153
família das Rubiaceae 115
fármacos 115, 117, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 153, 165
fator de risco 203, 207, 266, 310, 311, 312
febre maculosa 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166
feiras livres 190, 195, 199
FIOCRUZ 158, 159
Fitoterapia 88, 89, 104, 112, 113
fitoterápicos 88, 89, 90, 92, 93, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113
formação profissional 32, 34, 38, 39

G

gênero Cinchona 115, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127
gestantes 49, 134, 137, 257, 272, 278, 285, 286, 287, 291, 292, 293, 295, 296, 297
gestantes adolescentes 285, 287, 292
Gestão em Saúde 60, 319, 327
gestores municipais de saúde 60, 63, 74
grupos antivacinas 145, 147, 150, 152
grupos educativos 43

H

Hanseníase 69, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188
hepatite viral congênita 255, 257, 259, 265, 267
hesitação vacinal 145, 147, 150, 156
hipoglicemiante 99, 116, 119, 123
hipolipemiante 116, 123

I

imunidade 134, 136, 173
imunização do adulto 135

incidência da Hanseníase 179

indicadores de saúde 23, 144, 317, 318, 319, 321, 324, 328

índice de massa corpórea (IMC) 298, 301

Índice do Impacto Odontológico 240, 243, 244, 251

índices de mortalidade infantil 255, 257, 264, 266

infecções respiratórias agudas 255, 257

Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) 286

influência das fake news 145, 147

inspeção 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

inspeção de fábricas e empresas 190

instabilidade genômica 310, 311, 312

interpretação da realidade 19, 20

intoxicação alimentar 190

L

lesões cutâneas 179, 182, 185

listeriose 190, 192, 194

M

marcador biológico do envelhecimento 310, 313

medidas sanitárias 190, 191

Melanoma 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

mercados públicos 190, 195, 199

métodos contraceptivos 285, 288, 292, 293

Microbiologia 158, 159, 170, 198, 199

Ministério da Saúde 39, 75, 76, 89, 90, 98, 100, 105, 111, 112, 136, 143, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 158, 159, 169, 173, 176, 183, 184, 185, 186, 188, 224, 229, 237, 238, 252, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 268, 280, 291, 292, 295, 296, 325

Mortalidade Infantil 255

mortes no trânsito 227, 228, 233

mortes por pneumonia 255, 257

mutilação dentária 242, 243, 250, 251

mutilação dentária 241

N

Neoplasias 202, 204

O

óbitos infantis 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268

Organização Mundial da Saúde (OMS) 90, 214, 227, 228, 300

P

paciente infantil 255, 267

palestras 43, 48, 49, 187, 197, 339

Paradigma 20

patogênese 158, 162, 209

patognomônicos 157

patologias degenerativas 310, 313

perda dentária 241, 242, 243, 249, 251, 252

perdas de elementos dentárias 241

perfil epidemiológico 159, 172, 174, 210, 227, 229

perfil sociodemográfico 201, 204, 209, 331, 340, 343

período neonatal 255, 257, 259, 265, 267

perspectiva relacional de gênero 55

pessoa idosa 317, 318, 321, 322, 323, 324, 325, 328, 331, 337, 338, 341, 343

plantas medicinais 88, 89, 90, 92, 93, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 122

políticas públicas 6, 48, 85, 89, 136, 142, 146, 148, 153, 172, 176, 236, 251, 255, 257, 278, 281, 294, 295, 317, 322, 328

população brasileira 78, 80, 147, 152, 238, 250, 252, 342

população idosa 312, 318, 322, 324, 331, 332, 334, 335, 339, 340, 341

potencial antipirético 115, 117, 122

povos indígenas 115

prevenção de doenças 32, 36, 38, 43, 47, 48, 92, 105, 136, 137, 142, 148, 286, 289, 338, 340

problemas de saúde 22, 24, 50, 67, 229, 255, 318, 323, 332, 334, 338, 340

problemas sociais 298, 300, 302

processo de envelhecimento 310, 332

processo do cuidar 79

processo saúde-doença 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 48, 175, 323

produtos básicos da alimentação 190

produtos de origem animal 190, 191, 193, 194, 199

profilaxia 158

Profissionais de saúde 20, 143

Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica (PRMAB) 79, 80
programa de vacinação 134
Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos 88
promoção da saúde 32, 33, 34, 35, 37, 40, 42, 44, 46, 48, 49, 51, 55, 74, 79, 81, 90, 92, 105, 286, 322, 340, 342
proteção e direito à vida 55

Q

qualidade de vida 33, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 134, 136, 146, 176, 222, 223, 240, 242, 243, 250, 251, 253, 256, 313, 318, 322, 323, 336, 338, 341
qualidade do pré-natal 271
qualidade dos serviços de saúde 137, 255, 256, 264, 265, 267, 317, 319
qualificação de ensino 33, 39
questões de raça e etnicidade 78
quinidina 115, 117
quinina 115, 124, 129, 131

R

Regionalização 60, 68
relacionamentos interpessoais 317, 323
rotina do pré-natal 285

S

salmonelose 190, 192
Sarampo 145, 146, 154
saúde bucal 108, 240, 242, 243, 250, 251, 252, 253
saúde da comunidade quilombola 79, 81
saúde da criança 144, 270, 273, 280, 333
Saúde das minorias étnicas 79
Saúde do Idoso 331
saúde dos municípios 60
Saúde pública 88, 104, 241
secretaria de saúde 60, 66
Secretaria do Estado da Saúde 60, 63
secretários municipais de saúde 60, 64, 70, 71
sedentarismo 215, 298, 306, 307
segurança alimentar 190, 281

Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) 227, 238
Serviços Médicos de Emergência 227
Sexualidade na adolescência 285
sífilis congênita 285, 286, 287, 291, 295, 297
síndrome da rubéola congênita 255, 257, 259, 265, 267
singularidades da população 78, 80
Sistema de Informação de Mortalidade 201, 204, 205, 206, 258
Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) 179, 182
Sistemas de Informação em Saúde 180, 182
smartphones 298, 299, 300, 301, 302, 303, 307, 308
sociedade moderna 298, 299
supressores de tumores 310, 313
surtos alimentares 190

T

telômeros 310, 311, 312, 313, 314
teoria da complexidade de Morin 19, 26
teoria da complexidade e epidemiologia 19, 26
tipos de Hanseníase 179, 182
toxinfecções 190, 194
Tuberculose 172, 175, 176, 177, 190, 193

U

Unidade de Suporte Avançado (USA) 227, 229, 230
Unidades Básicas de Saúde 32, 42, 56, 91, 100, 104
Unidades de Saúde da Família 104
uso de plantas medicinais 88, 89, 90, 91, 93, 97, 99, 100, 104, 105, 106, 110, 113
uso de smartphones 298, 301
usuários do SUS 33, 39, 50
utilizações terapêuticas 115, 118

V

vacinação 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 174, 175
vigilância sanitária 190
violência 38, 55, 56, 57, 58, 82, 83, 84, 229, 291, 339, 343

violência de gênero 55

violência por parceiro íntimo 55, 56, 57

vítimas de acidente de trânsito 227

vulnerabilidade socioeconômicas 172

Z

zoonoses 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197

editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 

editoraomnisscientia@gmail.com 

<https://editoraomnisscientia.com.br/> 

@editora_omnis_scientia 

<https://www.facebook.com/omnis.scientia.9> 

+55 (87) 9656-3565 